



10º Encontro de Ensino Pesquisa e Extensão

Patrocínio, MG, outubro de 2023

CAPITAL CULTURAL E HERANÇA FAMILIAR: contribuições de Bourdieu para os estudos das desigualdades escolares

Vinícius Felipe Oliveira¹
IFTM Campus Patrocínio

Thiago de Faria e Silva
IFB Campus Recanto das Emas²

Modalidade: Pesquisa
Formato: Artigo

Resumo:

Pierre Bourdieu (1930-2002) ofertou às ciências humanas conceitos e teorias que sustentam uma parte das reflexões sobre os mais variados temas. No campo da educação, a extensa obra do autor é marcada fortemente pela formulação da Teoria da Reprodução, em parceria com Jean-Claude Passeron, fruto de suas pesquisas sobre sucesso e fracasso escolar na década de 1960. Este trabalho conduz uma reflexão sobre as contribuições de Bourdieu, apoiada no conceito de capital cultural e sua relação com as outras dimensões do capital e com as noções de habitus, arbitrário cultural e violência simbólica, em uma perspectiva na qual a herança cultural determina o sucesso ou o fracasso escolar. Dividido em duas partes, trata-se de uma pesquisa teórica, bibliográfica, pautada principalmente nos Escritos de Educação e A Distinção, de Pierre Bourdieu e em análises de outros pesquisadores. A grande contribuição da obra do autor reside na desmistificação da escola como única responsável pela dissolução das desigualdades sociais e pela importância da herança familiar para a análise das estruturas das classes sociais. A teoria de Bourdieu precisa ser encarada como princípio geral das análises sobre educação, ensino e desigualdades. Guardadas as proporções, é mais que necessário que sejam feitas contextualizações, atualizações e revisões sob o prisma dos conceitos bourdieusianos. É imperativo que as abordagens dedicadas aos estudos das culturas escolares considerem os fatores de reprodução e perpetuação das desigualdades, suportadas pela legitimação da cultura das classes dominantes e pela manutenção do habitus de classe.

Palavras-chave: Bourdieu, Educação, Capital Cultural, Habitus, Violência Simbólica.

¹ Servidor técnico administrativo do IFTM *Campus* Patrocínio. Estudante do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do IFB *Campus* Brasília. vinicius@iftm.edu.br.

² Professor do Instituto Federal de Brasília *Campus* Recanto das Emas. Professor do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do IFB *Campus* Brasília. 1230607@etfbsb.edu.br.

Introdução

Considerado um dos grandes pensadores do século passado, o sociólogo e filósofo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) ofertou às ciências humanas conceitos e teorias que sustentam uma parte das reflexões sobre os mais variados temas. No campo da educação, a extensa obra do autor é marcada fortemente pela formulação da Teoria da Reprodução, em parceria com Jean-Claude Passeron, fruto de suas pesquisas sobre sucesso e fracasso escolar na década de 1960, mas engloba e é permeada por críticas que contribuem para o pensamento sobre as estruturas do capitalismo. Isso porque, embora haja limites nas formulações de Bourdieu, é inegável a contribuição para as ciências sociais.

Este artigo pretende conduzir uma reflexão sobre a contribuição do pensamento de Bourdieu, na perspectiva da escola reprodutora das desigualdades entre as classes sociais, apoiando-se primordialmente no conceito de capital cultural e na importância da cultura para a compreensão da sociedade. Busca-se, neste sentido, analisar a natureza deste conceito em sua relação com as demais dimensões do capital, componentes e estruturantes da estrutura das classes sociais. Articula-se, também, os conceitos de habitus, arbitrário cultural e violência simbólica, em uma perspectiva na qual a herança cultural determina o sucesso ou o fracasso escolar.

Dividido em duas partes, este trabalho trata-se de uma pesquisa teórica, bibliográfica, pautada principalmente nos textos *Escritos de Educação* (2007) e *A Distinção* (2007a) de Pierre Bourdieu, bem como de ricas análises da obra bourdieusiana, como em Nogueira e Nogueira (2002) e Silva (1995).

Capital cultural: conceituação e relações no habitus familiar

Embasado grandemente em Weber, Durkheim e Marx, Bourdieu desenvolveu seus conceitos e teorias a partir destes pensadores, mas de maneira que suas reflexões sejam encaradas como inovadoras e dignas de um reconhecimento próprio. O conceito de capital, claramente de base marxiana, vai além da concepção econômica para captar as diversas formas como se estruturam as classes sociais.

Além da dimensão econômica, o capital econômico correspondente às propriedades e dinheiro propriamente dito, Bourdieu suscita a análise de outros “capitais”: o social, marcado pelas redes de relacionamento aos quais os grupos sociais

se apoiam para ostentar sua posição, bem como para galgar ascensão através das diferentes classes; o capital simbólico, relacionado à honra e ao prestígio, conquistado para além do poder econômico e social, seja por títulos, seja por influências as quais não se adquire economicamente; e o capital cultural, que trata-se do conhecimento acumulado ou conquistado e, de maneira geral, relacionado à bagagem cultural de gostos, valores que cada indivíduo carrega dentro de seu grupo social.

Decerto, mesmo que seja possível e necessário diferenciá-las de forma sistemática, as dimensões do capital permeiam, se relacionam e se completam no campo social. De certa forma, elas mesmas compõem as classes sociais, também denominado espaço multidimensional ou mundo social:

[...] o mundo social pode ser concebido como um espaço multidimensional construído empiricamente pela identificação dos principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras palavras, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como azes num jogo de cartas neste universo específico que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos... os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital tomam uma vez percebidos e reconhecido como legítimos. [...] (BOURDIEU, 1987. p.4 apud SILVA, 1995, p. 25).

Importante sublinhar que, neste jogo estabelecido no campo social, os diferentes aspectos do capital não só se completam, conforme já dito, como não estão subordinados um ao outro. O conceito de capital cultural, porém, é analisado por Bourdieu com certo afínco, visto que o autor considera grandemente as formas de dominação cultural e a relevância da cultura neste campo de disputa, materializada, assim, na escola. Daí, a teoria da escola reprodutora das classes sociais, como veremos mais adiante.

No estudo do conceito de capital cultural, Bourdieu (2007c) explica que existem três estados desta dimensão. O primeiro é o estado incorporado, no qual “o capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se

parte integrante da ‘pessoa’, um habitus” (BOURDIEU, 2007c, p. 74-75); orienta o indivíduo em sua atuação no mundo social.

Esse capital “pessoal” não pode ser transmitido instantaneamente (diferentemente do dinheiro, do título de propriedade ou mesmo do título de nobreza) por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca. Pode ser adquirido, no essencial, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição. [...] (BOURDIEU, 2007C, p. 75).

O capital objetivado, por sua vez, é a materialização em bens culturais como livros, pinturas, esculturas e monumentos, adquiridos por meio de capital econômico. Difere-se do capital cultural incorporado justamente pela possibilidade de ser transmitido materialmente. Relaciona-se, assim, ao capital incorporado na medida em que a transmissibilidade do bem cultural ocorre no âmbito da propriedade jurídica, mas sua posse não garante a utilização plena. Conforme expõe Bourdieu (2007c), para a apropriação material pressupõe-se capital econômico, e para apropriação simbólica o capital cultural.

Por consequência, o proprietário dos instrumentos de produção deve encontrar meios para se apropriar ou do capital incorporado que é a condição da apropriação específica, ou dos serviços dos detentores desse capital. Para possuir máquinas, basta ter capital econômico; para se apropriar delas e utilizá-las de acordo com sua destinação específica (definida pelo capital científico e tecnológico que se encontra incorporado nelas), é preciso dispor, pessoalmente ou por procuração, de capital incorporado. (BOURDIEU, 2007c, p. 77).

Outro estado do capital cultural é o institucionalizado, que é representado pelos diplomas e certificados escolares, emitido por instituições de ensino em diferentes níveis, atestando que

[...] a competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em uma dado momento histórico. (BOURDIEU, 2007c, p. 78).

O autor afirma, ainda, que o capital institucionalizado pode ser convertido em capital econômico, vez que a comparação de diplomados permite a valoração do

investimento escolar, possibilitado pela permuta de diplomados no âmbito do mercado de trabalho. Desta forma, o capital cultural, neste estado, justifica a busca por ascensão por meio do investimento em educação. A escola, assim, torna-se palco da disputa e, por consequência, das desigualdades da sociedade; e a família, ou a herança familiar, define a forma como o capital cultural influencia a vida e as relações do indivíduo.

Neste ponto, convém discutir rapidamente outro conceito chave em Bourdieu: o habitus. Caracterizado como um sistema de disposições ao qual o sujeito é inculcado inconscientemente dos gostos transmitidos através das gerações, o habitus define amplamente o sujeito, na medida em que “[...] tal sistema de disposições inclui tanto formas de percepção do mundo social mais ligadas a estruturas de personalidade, quanto formas de apreciação mais ligadas a gostos, preferências, escolhas.” (SILVA, p. 25, 1995).

O habitus, assim, seria o meio pelo qual o indivíduo, inserido em determinado grupo social, herda as predisposições, gostos e aspirações que o moldam para a vida em sociedade. Embora a construção da personalidade ocorra desta relação de maneira recíproca, é inegável que a influência do grupo social seja bastante importante, materializada no habitus familiar. Isso justifica, por exemplo, as características de submissão e conformismo das classes trabalhadoras (SILVA, 1995).

Nesta direção, é preciso destacar que Bourdieu, de maneira recorrente em sua obra, especialmente em *A Distinção* (BOURDIEU, 2007b), discute as formas e estratégias de investimento educacional das diferentes classes sociais, apoiado na presença e peso do habitus familiar, da influência da herança cultural. De maneira geral, elencam-se três grupos ou classes sociais: a classe trabalhadora, as elites e a pequena burguesia.

O primeiro grupo trata-se da classe mais pobre, desprovida de capital econômico (e, de forma parecida, carente de capital também nas outras dimensões). Nessa classe, o investimento em educação é reduzido, moderado, especialmente pela falta de capital econômico, mas não só por este motivo; às classes trabalhadoras impõem-se questões associadas também ao tempo, ao capital cultural acumulado até certo ponto e às experiências de insucesso escolar (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002). Tudo isso desemboca na não garantia de sucesso econômico e social por meio da escola, notadamente demandante de um investimento de longo prazo, em detrimento da necessidade proletária de uma formação relativamente rápida para o ingresso no mercado de trabalho. Em outros termos, o filho do pobre se vê obrigado a buscar cursos

voltados unicamente ao mercado de trabalho, descartando a aventura morosa e dispendiosa de uma formação mais longa pelos motivos descritos acima.

O outro grupo destacado pelo autor é a(s) elite(s), no qual, obviamente, o investimento em educação é alto. No entanto, o acúmulo de capital econômico, social e, também, cultural, permite que o investimento aconteça de maneira descompromissada, “laxista”, como traz Nogueira e Nogueira (2002), usando o termo de Bourdieu:

Esse laxismo se deveria, por um lado, ao fato de que o sucesso escolar no caso dessas famílias é tido como algo natural, que não depende de um grande esforço de mobilização familiar. As condições objetivas, posse de um volume expressivo de capitais econômicos, sociais e culturais, tornariam o fracasso escolar bastante improvável. Além disso, as elites estariam livres da luta pela ascensão social. Elas já ocupam as posições dominantes da sociedade, não dependendo, portanto, do sucesso escolar dos filhos para ascender socialmente. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002).

Neste sentido, a busca por capital cultural pelas elites poderia acontecer para legitimar certa posição de poder conquistada economicamente; de outro lado, alguns grupos da elite, detentores de capital cultural considerado satisfatório, gastariam mais tempo e dinheiro em carreiras reconhecidamente detentoras de status (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002).

O terceiro grupo, representado pela classe média, é frequentemente nomeado por Bourdieu de pequena burguesia. O autor se dedica a analisar este grupo em sua incessante escalada às elites, sobretudo sob o viés cultural, utilizando-se dos seus conceitos de gosto e distinção. A ascensão social, nas classes médias, seria conquistada por meio do acúmulo de capital cultural, apoiada na tentativa de equiparar em capitais, por meio da imitação dos hábitos e gostos dos mais ricos. Por isso mesmo, o pequeno burguês tende a investir maciça e sistematicamente na educação.

Nogueira e Nogueira (2002), nesta direção, destacam na obra de Bourdieu alguns componentes do esforço da classe média em atingir um nível social superior. Em primeiro lugar, o malthusianismo, característica pela qual o pequeno burguês adota o controle de fecundidade, concentrando o empenho em poucos filhos. Associado a isso, o ascetismo representa a capacidade de sacrificar pequenos prazeres imediatos para garantir o futuro. Sobre essas duas características, Bourdieu (2007b) explica que

ao renunciar à prolicidade do proletariado, que se reproduz tal qual e em grande número, o pequeno-burguês "escolhe" a reprodução restrita e seletiva, muitas vezes limitada a um produto único, concebido e modelado em função das expectativas rigorosamente seletivas da classe importadora. Ele retrai-se em uma família estreitamente unida, mas restrita e um pouco opressora. Não é por acaso que o adjetivo "pequeno" ou algum de seus sinônimos, sempre mais ou menos pejorativos, pode ser vinculado a tudo a que o pequeno-burguês diz, pensa, faz, tem ou é, à sua própria moral, aliás, seu ponto forte: estrita e rigorosa, ela tem algo de restrita e forçado, de crispado e suscetível, de acanhado e rígido à força de formalismo e escrúpulo. Obcecado por pequenas preocupações e pequenas necessidades, o pequeno-burguês é um burguês que vive de forma mesquinha. (BOURDIEU, 2007a, p. 317-318).

Esta “auto inferiorização”, em relação às elites, materializa a importância do capital cultural para a classe média e culmina no outro componente, chamado por Bourdieu de boa vontade cultural. Isso “[...] se caracterizaria pelo reconhecimento da cultura legítima e pelo esforço sistemático para adquiri-la” (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2002). Se apequenar perante ao poder e ao capital da elite significa garantir, como analisado anteriormente, sucesso na escalada social. A busca por capital cultural, representado pelo investimento em educação, torna-se, portanto, o caminho ideal.

Violência simbólica e arbitrário cultural: concepções para a análise das desigualdades escolares

Silva (1995), em estudo sobre a relação entre capital cultural, gênero e classe, ressalta a ligação entre conceito de capital cultural ao conceito de habitus. Para a autora, essa relação presume uma ideia de subcultura de classe. Por outro lado, lembrar que Bourdieu utiliza-se também, da concepção de que o capital cultural “[...] indica acesso a conhecimento e informações ligadas a uma cultura específica; aquela que é considerada como a mais legítima ou superior pela sociedade como um todo” (SILVA, 1995, p. 27).

Esta concepção aproxima-se da discussão feita até aqui e, mais especificamente, com a análise de Bourdieu sobre as disposições familiares da pequena burguesia. Quando se associa a boa vontade cultural da classe média para alcançar a sonhada posição de elite da sociedade ao reconhecimento da uma cultura legítima a que se apropriar, atinge-se a noção de arbitrário cultural (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002). Ao se apoiar em uma concepção antropológica de cultura, alicerçada na concepção de

modos de vida e produto da ação humana em um sentido amplo, Bourdieu considera que nenhuma cultura pode ser apontada como superior a outra, em nenhum aspecto. A partir da legitimação de uma cultura escolar, tida como universal, deduz-se que arbitrariamente é produto da luta de vários arbitrários, detentores de diversas culturas.

No caso das sociedades de classes, a capacidade de legitimação de um arbitrário cultural corresponderia à força da classe social que o sustenta. De um modo geral, os valores arbitrários capazes de se impor como cultura legítima seriam aqueles sustentados pela classe dominante. Para Bourdieu, portanto, a cultura escolar, socialmente legitimada, seria, basicamente, a cultura imposta como legítima pelas classes dominantes. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 28).

Ainda sobre o tema, Silva (1995) argumenta que

a cultura legítima incluiria a cultura já institucionalmente aceita como erudita: os autores clássicos, a arte exposta em museus, a música tocada nas salas de concerto. A esse tipo de cultura só terão acesso indivíduos que desenvolveram um esquema de apreciação necessário para tal. (Silva, 1995, p. 27).

Porém, apesar do nome encostado à opressão e ao autoritarismo, o arbitrário cultural não se impõe forçadamente. Pelo contrário, a escola, representante e reprodutora da cultura dominante, transmite esta cultura dissimuladamente vestida de instituição neutra socialmente, portadora do discurso de igualdade entre todos que nela ingressam. Este discurso de neutralidade como apontam Nogueira e Nogueira (2002), representa, verdadeiramente, em Bourdieu, a violência simbólica. De fato, pois, o reconhecimento da cultura da elite, por parte das classes pobres, como sendo única e legítima, não só destrói o senso de cultura popular e tradicional de vários grupos que diferem daquela imposta, como também distancia os filhos da classe trabalhadora dos saberes que aos filhos da elite já lhes são comuns e cotidianos. Bourdieu (2007) resume que,

com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. (BOURDIEU, 2007b, p. 53).

Sob este prisma, evidencia-se, novamente, o peso da herança familiar no capital cultural, ou na tentativa de sua conquista/acumulação por meio da escola: aqueles que foram criados naquela cultura dominante, a receberam de maneira natural e inconsciente e, portanto, ostenta facilidade na assimilação de saberes e, também inconscientemente, atribui-se inteligência e aprendizagem superiores dos códigos, linguagens e conteúdos; os demais, alheios àquela cultura, veem-se distantes e são tachados de desinteressados e incapazes, fadados ao inevitável fracasso (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002; SILVA, 1995).

A escola, novamente, colabora para a reprodução das desigualdades sociais na medida em que reproduz a própria sociedade, desde a diferenciação analisada acima, seja na ocupação de posições de gerência dentro do próprio sistema de ensino. Por isso, para Bourdieu, na análise de Nogueira e Nogueira (2002),

por mais que se democratize o acesso ao ensino por meio da escola pública e gratuita, continuará existindo uma forte correlação entre as desigualdades sociais, sobretudo, culturais, e as desigualdades ou hierarquias internas ao sistema de ensino. Essa correlação só pode ser explicada, na perspectiva de Bourdieu, quando se considera que a escola dissimuladamente valoriza e exige dos alunos determinadas qualidades que são desigualmente distribuídas entre as classes sociais, notadamente, o capital cultural e uma certa naturalidade no trato com a cultura e o saber que apenas aqueles que foram desde a infância socializados na cultura legítima podem ter. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 32).

Nesta perspectiva, a escola ou o sistema de ensino, torna-se o grande mecanismo de reprodução das desigualdades sociais, de manutenção e confirmação da cultura dominante como cultura universal. Ainda que haja deslocamentos entre as classes sociais, Bourdieu aponta que há “[...] grande inércia social, calcada no habitus e na imagem perfeita da reprodução social” (SILVA 2005, p. 28). Essa oposição é caracterizada como um “profundo paradoxo” na teoria de Bourdieu (JOPKE, 1986 apud SILVA, 1995), marcado pelo uso estratégico do capital cultural para ascensão social, conforme discutimos anteriormente.

Considerações Finais

A grande contribuição dos estudos de Bourdieu está, sem dúvida, na derrubada do mito da escola como única responsável pelo fim da desigualdade de classes: aponta a instituição escolar como instrumento perfeito de reprodução de toda a diferenciação entre as classes. Em igual medida, o pensador mostrou definitivamente a influência da cultura e da forma como o capital cultural é transmitido e herdado através dos grupos sociais nas estruturas dos sistemas e processos de ensino.

Entretanto, grande parte das críticas destinadas ao sociólogo francês residem justamente nas limitações da Teoria da Reprodução. A generalização das características da escola e dos sistemas de ensino, bem como a redução das particularidades dos grupos sociais e das famílias, motivam questionamentos em torno dos argumentos do autor, inclusive dos conceitos.

Contudo, a teoria de Bourdieu precisa ser encarada como princípio geral das análises sobre educação, ensino e desigualdades. Guardadas as proporções, é mais que necessário que sejam feitas contextualizações, atualizações e revisões sob o prisma dos conceitos bourdieusianos. É imperativo que as abordagens dedicadas aos estudos das culturas escolares considerem os fatores de reprodução e perpetuação das desigualdades, suportadas pela legitimação da cultura das classes dominantes e pela manutenção do habitus de classe.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp, 2007. 560 p.

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. Tradução de Aparecida Jouly Gouveia. Revisão de Magali de Castro. In.: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A.M. (Org.). Escritos de educação. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 39-64. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-Escritos-de-educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 15 set 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Os três estados do capital cultural**. Tradução de Magali de Castro. Revisão de Maria Alice Nogueira. In.: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A.M. (Org.). Escritos de educação. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 71-79. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-Escritos-de-educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 15 set 2021.

NOGUEIRA, Cláudio M. Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Educação & Sociedade, Campinas, n. 78, p. 15-36, abr. 2002. ORTIZ, Renato (Org.). Pierre Bourdieu.

Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/wVTm9chcTXY5y7mFRqRjX7m/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em 15 set 2021.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. **Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu**.
INFORMARE – Cadernos de Pós-Graduação em Ciências da Informação, Rio de
Janeiro, v. 1, n. 2, p. 24-36, 1995. Disponível em:
[https://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/215/1/OlintoSilvaINFORMAREv1n2.p
df](https://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/215/1/OlintoSilvaINFORMAREv1n2.pdf). Acesso em: 13 nov 2021.